

Sesc e Cia Impele
apresentam

MAR DE
RESSACA



MAR DE ENCONTROS

— cia impele

A memória é como o movimento das ondas, uma coisa puxa a outra, como uma maré de devoluções.

Mar de ressaca é fruto de uma pesquisa de movimento que inicialmente se alimentou dos nossos traumas e histórias familiares. Como se materializa no corpo de um performer isso que, sobrevivendo ao tempo e à mudança, sempre retorna? Em 2015 realizamos um primeiro experimento cênico – Cicatriz: três solos – que foi apresentado no Sesc de Paraty. O desejo mútuo de investigarmos caminhos do hibridismo entre a dança, a performance, o teatro e a música nos uniu para a construção desse espetáculo, dirigido pelo encenador carioca Marco André Nunes.

O mar quando entra em ressaca faz ondas rebentarem na praia violentamente, alagando avenidas, danificando construções e ameaçando vidas.

O fluxo e refluxo das águas é provocado por alterações climáticas, pela atuação dos ventos e instaura uma sensação de chão oscilante.

A ressaca a que alude o título tem um viés ao mesmo tempo existencial e político. Diz respeito à violência do mar, metáfora do caráter cíclico do tempo psíquico, mas também à possibilidade de, juntos, resistirmos às tempestades históricas que ameaçam destruir a nossa sempre precária democracia. O que não é elaborado coletivamente sempre retorna. Basta olhar para o mar de ressaca em meio ao qual vivemos atualmente. Faz-se urgente a reconstrução frente aos destroços que uma ressaca deixa.

Marco André Nunes dirige o espetáculo e, ao lado do dramaturgo Patrick Pessoa, constroem uma ponte entre o privado e o público, o individual e o político. A dramaturgia utiliza fragmentos de autores como Schopenhauer, Machado de Assis, Kafka e Brecht, complementando a dramaturgia criada pelo próprio movimento.

Ao longo do processo tornou-se evidente que as feridas individuais refletem sempre feridas coletivas compartilhadas por toda uma sociedade. A violência sexual, o racismo, o suicídio são marcas nas histórias dos membros da Cia Impele, transpostas para a cena como sintomas de uma doença social que só pode ser tratada coletivamente.

A direção de movimento e a preparação corporal são de Toni Rodrigues, coreógrafo e bailarino habituado a trabalhar na fronteira entre a dança e o teatro. Em cena conosco está Pedro Sá Moraes tocando ao vivo composições originais criadas especialmente para o espetáculo. Ele também assina a preparação vocal e a direção musical. A trilha incorpora sons eletrônicos, percussão indiana (mridangam), baixo e guitarra.

O figurino e o cenário são de Evey Ávila e Pedro Leobons, artistas visuais que acompanharam o processo desde o início, interferindo na criação cênica com proposições cenográficas. Uma parede

marcada pela ressaca recorta a cena, revelando a experiência de um espaço invadido pelo próprio mar. Os figurinos expressam os vestígios que ficam nos corpos que atravessam um mar turbulento.

A Cia Impele é formada por Alexandre Mendes, Aline Bernardi, Jéssica Barbosa e Marina Magalhães. Criada em 2015, apresentou um primeiro experimento cênico – Cicatriz: Três Solos – no Sesc Paraty.

Mar de Ressaca estreia dia 1º de dezembro de 2016 no Mezanino do Sesc Copacabana e segue em temporada de quarta a sábado às 21h e domingo às 20h, até o dia 18 de dezembro.

ALEXANDRE MENDES

Arremessar-se contra as sombras de um passado. Tornar-se algoz em meio aos destroços quando antes só foi parte de mais um dos pedaços em sobra. Revisitar-se no instante após a ação voraz de justiça e razão: será? Qual o momento em que se torna aquilo contra o que mais se luta? Qual a estratégia para se sobreviver dentro de um mar em fúria? Viver este processo artístico e inaugurá-lo a cada noite de apresentação é a ressaca a que me lanço. Talvez em busca de redenção. Talvez não. Talvez somente a navegar, fazendo jus a errância que é o humano em busca de seus desejos mais íntimos e contraditórios a si mesmo. Sinto, que assim morro cada dia menos. Ao Mar, agradeço.

ALINE BERNARDI

Diante de um mar revoltado, luto, perante as rajadas e lufadas dos ventos, arquejando, para sobreviver. O único naufrágio que temo é o da fé. Tenho a impressão de que algumas forças não podem ser vividas na dimensão cotidiana e que precisam ser atravessadas nas fibras musculares, provocando torções no esqueleto e nos órgãos do corpo, e que realinham o prumo do espírito. É assim que estou experienciando este Mar de Ressaca: uma benção. Amém. Percebo o sonho de recompor os trilhos da ancestralidade sendo marcado pelos mistérios do oceano que é a consciência. Diante de muros intransponíveis, oscilo entre a solidão da invisibilidade e o silêncio do perdão. Sobre ruínas de dor e violência, danço e ergo o contentamento. Asé.

JESSICA BARBOSA

O horizonte, sua linha infinita, reta
Uma garrafa, uma carta,
Que sempre retorna
Todas as manhãs

Nas mulheres que em mim atravessam mares violentos,
há tantas gerações que já não sei seus nomes,
A coragem necessária

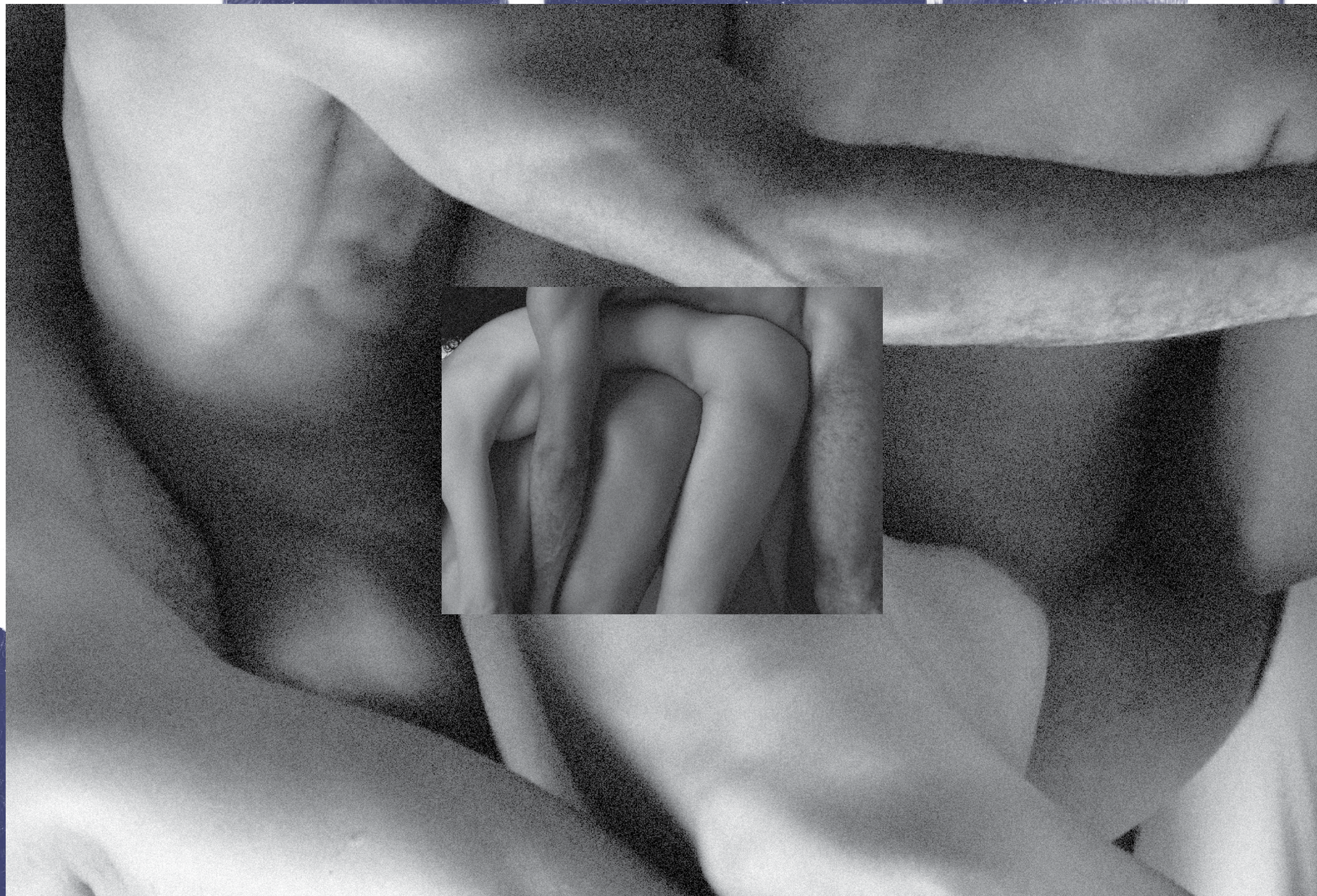
Adentrar a ressaca
Uma onda, outra, e outra maior ainda
Espuma salgada, olho seco,
Memória, devoluções (...)

MARINA MAGALHÃES

O caminho do artista precisa ser tão solitário?
Estamos diante de tantos solos, monólogos, projetos individuais, que por vezes esquecemos a força de ser/estar em um coletivo. Mar de ressaca foi este encontro. Além de artistas afinados com um propósito, é um encontro de desejos. Desejo de transformar histórias em movimento. Desejo de construir a nossa dança. E, sobretudo, desejo de fazer tudo isso juntos. Desconstruir esse muro que nos separa. Habitar outras ilhas e ser habitado por outros mares.

PEDRO SÁ MORAES

Uma prece para que este espetáculo seja compreendido como alegoria da mais surda e vasta das opressões: aquela a que a nós mesmos, e a nossos irmãos, sujeitamos; aquela que se alastra por força de nossas certezas.



DA ARTE DE ATRAVESSAR PAREDES

patrick pessoa

Na teoria, a gente fala muito em “artes da cena”, tendendo a encarar como bastante arbitrária a fronteira que separa o teatro, a dança e a performance. Na prática, essa fronteira teoricamente tão desguarnecida continua muito difícil de atravessar. São raros os profissionais que transitam com desenvoltura do teatro à dança ou da dança ao teatro, muito embora a performance configure um fecundo campo de intersecção.

Por isso, quando o Marco André me convidou para mergulhar junto com ele neste Mar de ressaca, eu fiquei bem animado. Era uma possibilidade de navegar por novas águas na companhia de um marinheiro que, como eu, se dispunha a viajar sem bússola. Era o momento oportuno para sentir na pele o quão altos são os muros que separam a dança do teatro. Era, ainda, a oportunidade de tentar como dramaturgo algumas

coisas que, como espectador de dança, sempre me encantaram, especialmente a dialética entre corpo e palavra, música e narrativa, sensação e sentido.

Depois de ver o primeiro ensaio da Cia Impele, cuja pesquisa coreográfica já se encontrava bastante adiantada e se estruturava em torno de pequenas narrativas autobiográficas, fiquei feliz com a percepção de que, mais uma vez, o meu trabalho como dramaturgo não seria o de “criar” nada. Como se tornou claro para mim desde o meu primeiro “texto original” para teatro – Nômades, escrito em parceria com o Marcio Abreu –, o dramaturgo é a materialização mesma do “autor morto” de que falam Barthes e Foucault (para não recuarmos até Brás Cubas...). Dado o caráter intrinsecamente coletivo ou colaborativo do seu ofício, baseado no exercício da escuta, o dramaturgo (ao

menos o contemporâneo!) não tem mais como persistir na ideia teológica de uma creatio ex nihilo, de uma criação a partir do nada. Para mim, o dramaturgo contemporâneo tem muito mais a ver com um trapeiro, desses que pilotam seus burros sem rabo pelas ruas da cidade; tem muito mais a ver com um tipo de poeta que, na melhor tradição do Baudelaire de Walter Benjamin, “contenta-se em recolher, nas horas em que os burgueses se entregam ao sono, tudo o que a cidade grande jogou fora, tudo o que perdeu, tudo o que desprezou, tudo o que esmagou”. Recolher, selecionar, justapor, reconfigurar: as ações por excelência de um dramaturgo (e talvez de qualquer criador que tenha abandonado Deus como paradigma).

Depois de acompanhar diversos ensaios da Cia Impele, de me deixar atravessar pelos sons e movimentos de Alexandre, Aline, Jéssica, Marina e Pedro, comecei a enxergar naqueles corpos uma determinada direção, quase um discurso silencioso. Na tentativa de traduzi-lo em palavras, além de construir um prólogo eminentemente musical que convidasse o espectador à escuta – cada espectador, à sua maneira, é também um dramaturgo-trapeiro, ainda mais na dança do que no teatro –, comecei a ser acossado por uma série de associações menos livres do que poderiam parecer. Em primeiro lugar, motivado talvez pelo título do espetáculo, me lembrei de um fragmento famoso do Schopenhauer, que pensa a condição humana com base na imagem de um

pescador em seu barquinho no meio de um mar de ressaca. O curioso na imagem é que o pescador confia cegamente em sua frágil embarcação, parece não enxergar a violência do mar à sua volta. Depois me lembrei de um tratado de metaforologia do Hans Blumenberg, chamado Naufrágio com espectador. Depois, por conta de “Rasante”, belíssimo espetáculo de dança a que assisti com os membros da Cia Impele, me marcaram as reflexões de Kafka em torno do estado de exceção como a regra e da lei que, uma vez inscrita nos corpos, assassina-os. Depois, veio a discussão entre Benjamin e Brecht em torno do estatuto das parábolas. Teriam alguma utilidade as parábolas que, como as de Kafka, não manifestam um sentido unívoco? Depois foi Machado de Assis, depois um poema de Brecht, depois este gosto amargo na boca, esta sensação de ressaca nesse ressacado Brasil pós-golpe, em que todos os avanços sociais duramente conquistados estão prestes a ser engolidos pela avassaladora onda conservadora que se aproxima. Se é que já não foram engolidos, quando você estiver lendo este texto...

Mesmo não acreditando que a arte, por si só, seja capaz de atravessar paredes, ou de derrubar as portas da lei do mais forte e produzir uma sociedade mais justa, quero crer que ela pode nos ajudar a encontrar pequenas brechas, a ocupar todos os espaços que pudermos imaginar, a resistir.



TONI RODRIGUES

Urge, espreme, torce, espeta, arrasta, empurra, e quantas outras ações neste margem que aparece pelas memórias. Desafiador descobrir possibilidades em um mar de acontecimentos, com intensidades altas e por vezes traumáticas. Agradeço a confiança e parceria, pois ser IMPELE traz outros coloridos na minha vida e nos meus encontros.

EVEE ÁVILA, FERNANDA GUIZAN
E PEDRO LEOBONS

As imagens da tragédia de Mariana, evento ocorrido em 2015, completam 1 ano de existência e ainda reverberam, impunemente, em nossas lembranças. Nessas, são vistas manchas do tipo que demarcam a imposição violenta da água sobre a paisagem após uma enchente avassaladora.

A partir disso, como peça chave do cenário, um muro de madeira crua é demarcado por uma grande mancha preta que é carregada de uma série de significados: a violência da água, as cicatrizes do corpo e as vivências e traumas registrados pela memória. Apesar de presente e potente, a mancha não toma a parede por completo; o desastre deixa sua marca, mas a extensão clara da madeira revela a sobrevivência, apesar de tudo. A mancha se desprende da parede e toma forma de vestimenta no figurino: um jogo de claro e escuro que traz ritmo e movimento para as trajetórias percorridas pelos corpos dos dançarinos.

Essa mesma dimensão é trabalhada tipograficamente no título do espetáculo, composto por resíduos de letras fragmentadas.

A tensão entre as manchas e os emaranhados de corpos, camadas que se invadem, se entranham, respeitam e extrapolam seus limites, formam juntas nova superfície para o material gráfico, marcada por uma dimensão de deterioração. É a ideia da mancha não só como uma camada que sobrepõe, mas que transforma a estrutura.

AGRADECIMENTOS

Ana Célia Sá Earp, Andrea Chiesorin, André Meyer, André Vasconcelos Barbosa, Adriano da Silva Mendes, Angel Vianna, Angela Maria Lessa de Moraes, Alexandre Vidal, Ana (Martins Pena), Ana Célia Sá Earp, Ana Paula Bouzas, Bernardo Gondim, Bernardo Scotti, Bernardo Tandeta Pessoa, Bruno Bernardi, Bruno Ferrari, Carla Ferraz, Carolina Lavigne, Carolina Salim, Carol Pedalino, Christiana Cavalcanti, Clarisse Araújo, Cláudio Fernandez, Creusmar da Silva Mendes, Dasha Lavrennikov, Davi Bouzas, Dora, Duda Freyre, Elisa Botkay Pessoa, Escola de Teatro Martins Pena, Escola e Faculdade Angel Vianna, Fabiana Valor, Fábio Espírito Santo, Filipe Ribeiro, Filippo Bernardi, Fredo, Frida, Gabriel Bellas, Gabriella Bernardi, Geraldo (Martins Pena), Gisele Alvim, Glória Maria Bernardi, Helena Matriciano, Isadora Cecatto, João Fortes, Leonardo Gama Campos, Leysa Vidal, Luca Bernardi, Luiz Carlos Sá Carvalho, Louise Botkay, Marcelo Reis, Márcia Feijó, Maria Alice Poppe, Maria Ignez Calfa, Maria Inês Moreira (Maga), Maria Tereza Souza dos Santos, Mário do Rosário, Mário Lúcio Ferreira Campos, Marjorie M. Elago, Mercedes dos Santos de Mattos, Mineirinho, Morena, Neiva Voigt, Nilcilea Santos de Oliveira, Nina Reis, Nubia Barbosa, Ofélia, Orfeu, Pagu, Paulo Mattos, Pedro Ivo Dantas, Pedro Sússekkind, Rodrigo Magalhães, Ruan Carlo Stulpen Veiga, Samantha, Sandra Seixas, Simone Magalhães, Sofia Giliberti, Solange Magalhães, Soraya Jorge, Tataiane Santana, Thiago Amud, Valéria Carvalho, Wanderley da Silva Mendes, Wyng Chagas, Zulu



FICHA TÉCNICA

com

ALEXANDRE MENDES, ALINE BERNARDI,
JESSICA BARBOSA, MARINA MAGALHÃES
E PEDRO SÁ MORAES

direção

MARCO ANDRÉ NUNES

dramaturgia

PATRICK PESSOA

direção de movimento

TONI RODRIGUES

direção musical e preparação vocal

PEDRO SÁ MORAES

cenário e figurino

BALÃO DE ENSAIO –
Evee Ávila e Pedro Leobons

design gráfico

FERNANDA GUIZAN

iluminação

RENATO MACHADO

fotografia

CAMILO LOBO

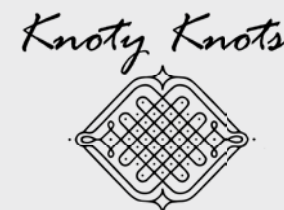
produção

LÍVIA CUNHA, JÉSSICA BARBOSA,
PEDRO SÁ MORAES E VANESSA GARCIA

realização

CIA IMPELE, ZINGAREIO PRODUÇÕES E SESC

apoio



realização



www.sescrj.org.br



Sesc Copacabana

Rua Domingos Ferreira, 160
Copacabana
Tel.: (21) 2547-0156

Nº do Alvará de Funcionamento P Municipal: 201585
Validade: Indeterminada
Nº do Certificado de Registro de Diversões Públicas
CBMERJ: 01714/16 | Validade: 30/11/2016
Protocolo nº E-27/36835/11075/2016.

